

**CORDEL IDENTITÁRIO:  
UMA ANÁLISE DA TEMÁTICA SOCIAL  
NA OBRA DO MESTRE AZULÃO**

*José Severino da Silva* (UNIGRANRIO)  
[cap.prof\\_jose@yahoo.com.br](mailto:cap.prof_jose@yahoo.com.br)

**1. Introdução**

O presente artigo destaca uma forma diferente de introduzir José João dos Santos (Mestre Azulão) levando em consideração seus aspectos identitários e principalmente seu cordelismo temático. Trazendo a tona aspectos sociais que precisam ser retratados e analisados de uma forma mais crítica. A literatura popular nunca foi tão erudita em tempos modernos, nem o erudito tem sido tão popular no pós-moderno. Após uma introdução ao cordel do referido mestre, analisaremos também sua métrica e rima, tendo como base quatro livretos de sua autoria. Serão levados em consideração durante o discurso a história e o pensamento deste poeta, e o seu reconhecimento dentro e fora do Brasil. Ao fazer presente a sua própria história, estará contribuindo para que muitos, também, tendo como referência o seu exemplo, possam ser mais um a escrever nas páginas do livro a sua história, e a própria história nacional. Natureza e cultura andam juntas, não se separam, pois tanto uma quanto a outra se completam. Portanto, a literatura popular ou a literatura erudita, jamais poderão se separar, pois nada é tão erudito quando se é popular, e nada é tão popular quando se é erudito, pois tanto uma quanto a outra são harmônicas, se completam, emocionam, transformam vidas, desatam nós, libertam almas, encantam. Tanto uma quanto a outra proporcionará ao leitor, a possibilidade de se descobrir e de se redescobrir, e certamente, despertará a sensação de pertencimento a um lugar e a uma época, possibilitando a construção de uma consciência identitária e alicerçada numa história de vida cidadã honesta e aventureira, pois todo retirante nada mais é que um sonhador que acredita numa possibilidade de recomeçar a vida, e em suas diásporas se aventura num mundo distante em busca da dignidade e da própria felicidade.

A questão da identidade como algo que vem sofrendo transformações constantes, é discutida por vários autores que vem se destacando na atualidade, principalmente nos estudos culturais (HALL, 2000, 2005; BAUMAN, 1998; EAGLETON, 2005; GEERTZ, 1978; BHABHA, 1998; GARCIA, 1998). Estes autores fazem referência à questão da iden-

tidade, no que diz respeito à possibilidade de mudança de identidades e variados contextos, tanto devido aos conflitos quanto em relação à diáspora.

Este trabalho propõe abordar *aspectos identitários* e trazer a luz discussões sobre a literatura de cordel como algo que ao mesmo tempo é popular e erudito. Com a globalização nada pode ser considerado erudito e nada pode ser chamado de popular, pois tanto um quanto o outro se completam, por exemplo: *O nome da rosa* (ECO, 2003) que era um clássico “erudito” e se tornou “popular”, dentre outros, a partir do qual emergem questões históricas e sociais, sem as quais a construção de uma identidade seria impossível. Com o intuito de evidenciar suas transformações ocorridas ao longo dos anos, abordada numa perspectiva social, poderíamos chamá-la de cordel pós-moderno. Por que não? Com todas essas transformações que vem ocorrendo simultaneamente, os cordéis já não são mais os mesmos esteticamente. Os aspectos urbanos, as coisas corriqueiras, são os temas mais abordados na atualidade.

## 2. *Aspectos identitários*

Trazendo a discussão a questão da identidade, é bom ressaltar que para Hall, “a transformação que vem ocorrendo no mundo promove uma fragmentação das identidades culturais, raça, etnia, cor, sexo e gênero, dentre outros, justamente devido à perda de um sentido de si próprio”. Essas mudanças sociais colocam à prova o sujeito e a própria identidade, trazendo a tona incertezas e dúvidas a uma estrutura que sempre se apresentou de forma absoluta, única e imutável. Tais transformações vêm mudando nossa forma de ver o mundo diante dos efeitos planetários da globalização.

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2000, p. 9).

Segundo Bauman (2005:17), *tornamos consciente de que o “pertencimento” não tem a solidez de uma rocha, não bastante negociáveis e revogáveis (...)*. Bauman trata a questão do sujeito moderno e pós-moderno ao ressaltar o deslocamento e a descentração desse sujeito, o que causa certo mal-estar social. Nessa perspectiva, tanto o sujeito quan-

to a identidade sofre uma instabilidade, resultado das constantes transformações ao longo da sua história.

Em 8 de janeiro de 1932, ano difícil, sem chuva, em Cabaceiras, próximo a Campina Grande, no Estado da Paraíba, veio ao mundo o primogênito de seu João Joaquim dos Santos e de Severina Ana dos Santos. Seu cordão umbilical mal tinha sarado e uma semana depois eles voltaram a Sapé, a terra de seu pai. Lá, a sua família prosperou e em seguida nasceram mais dezessete filhos. O mestre, recordando a infância se emociona. Com pouco mais de sete anos de idade começou a escrever poemas, e em seguida literatura de cordel. Com a idade de aproximadamente onze anos começou a tocar viola mesmo sem orientação de um professor, sempre foi autodidata, segundo ele. Começou como repentista e se profissionalizou aos quinze anos de idade. Por ter uma infância muito sofrida, de trabalho braçal, não teve oportunidades de estudar ou continuar como diz o mestre: – “minha formação escolar ficou estacionada na 3ª série do antigo curso primário, o que hoje corresponde ao 4º ano do ensino fundamental”. Filho de agricultores trabalhou na lavoura até os dezessete anos, para tirar seu documento precisou aumentar em um ano sua idade de 17 para 18 anos.

Identidade de Diáspora: “A experiência da diáspora, como aqui a pretendo, não é definida por pureza ou essência, mas pelo reconhecimento de uma diversidade e heterogeneidade necessárias; por uma concepção ‘identidade’ que vive com e através, não a despeito, da diferença; por *hibridização*. Identidades de diáspora são as que estão constantemente produzindo-se e reproduzindo-se novas, através da transformação e da diferença. (HALL, 1996, p. 75)

Aos 17 anos, subiu na carroceria de um caminhão "pau de arara" e veio tentar a vida no Rio de Janeiro, como tantos outros também tentavam. Ao chegar ao Rio em 1949, trabalhou em construção civil, trabalhou também com ladrilho na confecção de mosaicos. Cantava como repentista nos finais de semana, principalmente nos canteiros de obras. Assim que chegou ao bairro de São Cristóvão, começou a participar na fundação da feira dos "paus de arara", nos dias atuais (Feira de São Cristóvão), como gosta de dizer. O Mestre Azulão foi um de seus fundadores e participou dos bons e maus momentos da Feira, quando a repressão (ditadura) apertava. Segundo ele, na década de 60, tentaram derrubar a Feira de São Cristóvão três vezes, e numa dessas tentativas ele foi preso. Nesse período ocupava o cargo de um dos diretores da feira. A poesia o salvou, pois perceberam na delegacia que ele era um poeta e não rebelde. Um registro do antigo Ministério da Educação e Cultura, certificando que era poeta popular, foi quem o livrou de dormir na prisão.

Desde cedo, o poeta se apresentava com elegância trajando calça e camisa de pano passado, chapéu de massa e óculos fundo de garrafa. Como ele não mudou, ainda por trás das lentes, o jeito arteiro do poeta e seus olhos de gaiato deixam sua marca onde quer que ele vá. Aqui no Rio de Janeiro, participou e atuou em vários programas, sendo um desses, o Programa do Almirante às quintas-feiras no qual era intitulado “onde está o poeta”. Logo depois trabalhou como porteiro e conheceu uma baiana de nome Celina Lima, que tinha parente em Engenheiro Pedreira, Distrito de Japeri na Baixada Fluminense. Em pouco tempo de namoro, casou-se com ela e foi morar em Japeri. Esta foi a sua segunda esposa, na qual teve o segundo filho, hoje casado. Infelizmente com pouco tempo de casado ela faleceu. Hoje está casado pela terceira vez, e com esta também teve um filho, o terceiro. O Mestre Azulão está com 82 anos, e é sem sombra de dúvidas, um dos poetas mais reconhecidos e ainda vivo na atualidade. Basta analisarmos as centenas de livros espalhados por todo o Território Nacional, principalmente nas regiões Nordeste e Sudeste, que contam sua história de vida, seus versos de amores, suas realizações pessoais, e suas angústias vividas no decorrer de sua história.

A identidade deste homem é híbrida e carrega em sua formação, aspectos interculturais, antigos e modernos, simples e complexos, físicos e metafísicos, sacro e laico.

Os nossos conceitos básicos relativos à linguagem foram em grande parte herdados do século XIX, quando imperava o lema “uma nação, uma língua, uma cultura”. [...] realidade marcada de forma acentuada por novos fenômenos e tendências irreversíveis como a globalização e a interação entre culturas, com consequências diretas sobre a vida e o comportamento cotidiano dos povos, inclusive no que diz respeito a hábitos e costumes linguísticos (RAJAGOPALAN, 2003, p. 25).

O hibridismo cultural é resultado da diáspora, da globalização e da interação das diversas culturas, que em tempos modernos e pós-moderno vem ultrapassando as fronteiras e reescrevendo uma cultura diferente.

Ao analisarmos os cordéis quanto ao seu conteúdo temático, fica bem claro a preocupação deste homem, que noticia as questões sociais mais chocantes e evidenciadas na atualidade. O aspecto social é o seu principal gênero de trabalho, pois se preocupa em retomar estas questões que ainda o Estado não atendeu plenamente. Pretendeu-se apresentar neste trabalho as formas como são descritos estes aspectos que identificam o Mestre Azulão, levando em consideração as manifestações sócio-históricas e culturais por ele vivido ao longo de sua história.

### 3. *Origens do cordel*

A literatura de cordel, também conhecida como poesia popular, originalmente oral, ainda muito estudada e comercializada não só pelos nordestinos, tem contribuído na preservação da história nacional por conta de seu valor poético que narra histórias reais e místicas atuais e passadas, disseminando valores hábitos e costumes regionais que são verdadeiras relíquias de uma cultura que por muito tempo foi considerada menor, mas que representam um valor incalculável no campo da culinária, da música, do artesanato e da própria identidade regional. Esses livretos que preservam a cultura popular geralmente têm sobrevivido a mudanças ao longo das décadas sem perder suas características tradicionais.

A tradição do uso do cordel ou também denominado barbante não perpetuou no nordeste brasileiro, mas o cordel sim, os folhetos são comercializados em barracas, budegas, mercarias, lojas, livrarias, em lonas postas no chão das esquinas das feiras de rua, em carroças, paredes, enfim, o barbante é apenas mais um critério de exposição, ou seja, o folheto brasileiro poderia ou não estar exposto em barbantes. São escritos em forma rimada, metrificada e poética e alguns poemas são ilustrados com figuras, fotos e tradicionalmente xilogravuras. Nos dias atuais algumas mudanças ocorreram com a intenção de chamar a atenção dos leitores. As estrofes mais comuns são as de dez, oito sete e seis versos. Os autores recitam esses versos de forma melódica, harmônica e cadenciada, como também fazem leituras ou declamações muito empolgadas e animadas para conquistar os possíveis compradores.

O que torna os textos mais fáceis de memorizar são justamente a rima e a métrica, sua elaboração torna-os mais agradáveis em suas leituras do que até mesmo os versos em prosas. Entretanto, pessoas sem o hábito da leitura e com pouca cultura é capaz de memorizar diversas músicas ou diversos versos, devido a sua harmonia e rima. Os diversos textos apresentados tornam-se importantes ferramentas na feitura dos versos.

A temática usada é variadíssima, embora não se possa determinar uma classificação positiva e final a respeito da escolha dos temas [...] uma exemplificação: – romances e novelas, contos maravilhosos, histórias de animais, anti-heróis, tradição religiosa. Estes os temas tradicionais – fatos de repercussão social, cidade e vida urbana, crítica e sátira e elemento humano. Estes sobre fatos circunstanciais (BATISTA, 1982, p. 9-10)

Os cordelistas de maneira geral, não são reconhecidos pela habilidade em escrever e declamar. Na verdade, em se tratando de questões ligadas à linguagem, logo são discriminados. Evidentemente isto não pro-

cede teoricamente, mas na prática, a *literatura popular* ainda não alcançou todas as regiões e níveis sociais. Apesar de ter uma característica muito dinâmica, principalmente uma estrutura de pensamento em forma de linguagem oral e escrita, e responsável pelo desenvolvimento de habilidades relacionadas à arte a música, e ao próprio raciocínio lógico, o *cordel* ainda não alcançou os discursos acadêmicos, por vários motivos, um deles por ser algo popular, não erudito.

O poeta ressalta a importância de seu cordel puramente nordestino, dentro do padrão sertanejo, das rimas, das métricas e da poética. Como um dos grandes representantes da cultura regionalista nordestina, José João dos Santos carrega uma bagagem do tamanho das centenas de livros escritos nos últimos 60 anos.

Os demais versos abaixo seguem o mesmo critério dos versos apresentados acima. Mesma métrica e mesma rima. Na septilha usa-se o estilo de rimar o segundo, quarto e sétimo versos e o quinto com o sexto, podendo deixar livres o primeiro e o terceiro. O cordel abaixo “*feira de São Cristóvão*” é um exemplo:

### 3.1. Cordel: Feira de São Cristóvão

São Cristóvão é nos domingos  
O ponto mais brasileiro  
Encontro dos nordestinos  
Que estão no Rio de Janeiro  
Lá passam horas saudosas  
Comendo coisas gostosas  
E ouvindo um bom violeiro.

O nordestino que fez  
O grande Rio crescer  
Construindo arranha-céus  
Se arriscando a morrer  
Comandado pelos gringos  
Tem direito aos domingos  
Ter seu lugar de lazer.

O Campo de São Cristóvão  
É palco de tradição  
Dos primeiros nordestinos  
Que deixaram seu torrão  
Sua família querida  
Vieram tentar a vida  
Viajando em caminhão.

Depois de dez, doze dias  
Numa viagem sofrida  
O Campo de São Cristóvão  
Era o ponto de descida  
Onde cada nordestino  
Procura o seu destino  
Em busca de nova vida.

[...]

O folheto de José João dos Santos, com formato tradicional, capa com xilogravura de Erivaldo, quatro páginas impressas em papel, escrito em sete versos, parte de uma questão socioeconômica. O poema começa com uma apresentação do principal espaço de aglutinação nordestina: “*São Cristóvão é nos domingos / O ponto mais brasileiro*”, deslocando a atenção para um espaço que se tornaria o principal espaço de representação nordestina naquele momento histórico. O poeta pretende apresentar um local que seria o ponto de chegada dos migrantes em busca da “terra prometida” (BARBOSA LEITE, 1986) que ao descer do pau-de-arara procuravam se estabelecer trabalhando na construção civil.

Outro ponto mencionado é a preservação da sua cultura: “*O Campo de São Cristóvão / É palco de tradição*”, ressaltando a preocupação de preservar sua identidade e seus costumes regionais. O folheto apresenta desde a chegada do migrante nordestino a em busca da “nova Canãã” até sua ocupação, luta pela sobrevivência e construção em sua totalidade deste espaço cultural, a Tradicional “Feira de São de Cristóvão”, hoje conhecida como “Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas”.

Nesse espaço cultural aos domingos o referido poeta travou muitos duelos com outros cordelistas em suas pelejas. As pelejas de tradição nordestina apresentam um duelo entre dois poetas. O embate na maioria dos casos é confirmado entre os mesmos em praça pública, os temas são criados na hora do duelo, medindo a criatividade e a oralidade. A métrica e a rima também são analisadas durante todo o duelo.

### 3.2. Cordel: Peleja de Mestre Azulão com Bezerra do Ceará

MA –  
Todo o Rio de Janeiro  
Em seu campo cultural  
Conhece o Mestre Azulão  
Um cordelista integral  
Desde as feiras nordestinas

As praças da capital. [...].

**BC –**

Mestre Azulão se concentre  
Me ouça e respire fundo  
Você está ombreado  
Com um cantador profundo  
Que vai lhe mostrar cantando  
A outra face do mundo.

**MA –**

Sendo assim eu me confundo  
Com esta sua expressão  
Então você foi a Tóquio  
Fazendo alguma excursão  
E agora quer cantar  
Tudo que viu no Japão.

**BC –**

Não aceito gozação  
que comigo o caso é sério  
Hoje acabo a sua fama  
Seu enigma seu mistério  
Se for rei do improvisado  
Eu derrubo o seu império.

**MA –**

Eu odeio o vitupério  
convencimento, egoísmo  
Porque são caminhos falsos  
Que atiram no abismo  
Aqueles que não cultivam  
Amor e patriotismo.

O folheto de José João dos Santos tem o formato tradicional, capa com xilogravura de Klévisson Viana, oito páginas impressas em papel, escrito em seis versos em seguiu evoluiu para dez versos, parte de sua biografia e termina num duelo com o cantador Bezerra do Ceará. O duelo começa com uma experiência vivenciada internacionalmente pelos dois poetas: “*Que vai lhe mostrar cantando / A outra face do mundo.*”, deslocando a atenção para um lugar que mesmo sendo reconhecido como o berço da civilização e do conhecimento erudito a poesia popular se faz presente.

Outro ponto mencionado é a preservação expansão cultural: “*Então você foi a Tóquio / Fazendo alguma excursão / E agora quer cantar / Tudo que viu no Japão.*”, ressaltando a importância da aculturação e de



reservar valores e hábitos de outras nações. O folheto narra uma experiência vivida pelos cordelistas fora do seu *locus*.

A literatura popular nordestina é, nessa perspectiva, consequência da conjunção de elementos sociais: miséria, sertão, migração, internacionalização entre outros. No entanto, o discurso da originalidade persiste em nutrir esse imaginário, que tem como representante um dos maiores cordelistas ainda vivo, o Mestre Azulão. Este poeta assume, com autoridade, o legado da oralidade em plena pós-modernidade. Aos domingos, este poeta ainda participa das rodas de cantoria e de duelos na feira de São Cristóvão além de trabalhar em sua barraca vendendo seus folhetos de cordel.

Ao analisarmos os cordéis quanto ao seu conteúdo temático, fica bem claro a preocupação deste homem, que noticia as questões sociais mais chocantes e evidenciadas na atualidade. O aspecto social é o seu principal gênero de trabalho, pois se preocupa em retomar estas questões que ainda o Estado não atendeu plenamente.

Pretendeu-se apresentar neste trabalho as formas como são descritos estes aspectos que identificam o Mestre Azulão, levando em consideração as manifestações sócio-históricas e culturais por ele vivido ao longo de sua história. O que torna os textos mais fáceis de memorizar são justamente a rima e a métrica, sua elaboração torna-os mais agradáveis em suas leituras do que até mesmo os versos em prosas. Entretanto, pessoas sem o hábito da leitura e com pouca cultura é capaz de memorizar diversas músicas ou diversos versos, devido a sua harmonia e rima. Os diversos textos apresentados tornam-se importantes ferramentas na feitura dos versos.

#### **4. Conclusão**

Como se destacou no presente trabalho a questão “identitária” deste cordelista e também busca-se analisar o deslocamento desse sujeito ao longo de sua trajetória. O cordel é o grande companheiro de viagem. Ele também é um sujeito diaspórico. A riqueza da presente pesquisa se encontra nessa “viagem” que Azulão e seu cordel fazem juntos e as diferenças marcantes que auxiliam o pesquisador a entender melhor não apenas a construção identitária desse nordestino que habita o solo da Baixada Fluminense, mas como transforma essa diáspora em arte. A sobrevivência do cordelista e do seu cordel são pontos importantes, pois um não

sobrevive sem o outro são harmônicos e inseparáveis. Dessa forma, percebe-se que os estudos culturais contribuem para não apenas analisar o contexto histórico, mas de preservar a memória dos acontecimentos que marcaram a nossa história. Nessa perspectiva o cordelista passa a ser uma figura representativa e guardião da memória.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AEGLETON, T. *A ideia de cultura*. São Paulo: UNESP, 2005, 9-50.

BATISTA, Abraão. *A literatura de cordel: antologia*. V. 2. São Paulo: Global GD, 1982.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, H. K. Como o novo entra no mundo. O espaço pós-moderno, os tempos pós-coloniais e as provações da tradução cultural. In: \_\_\_\_\_. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 292-325.

BARBOZA LEITE, Francisco. *Trilhas, roteiros e lendas de uma cidade chamada Duque de Caxias*. Duque de Caxias: Papelaria Itatiaia, 1986.

GARCÍA CANCLINI, N. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.

GEERTZ, Clifford James. A interpretação da cultura. In: *Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 13-41.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 24, p. 68-75, 1996.

LOPES, Antônio Herculano; CALABRE, Lia. (Orgs.). *Diversidade cultural brasileira*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2005.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

SANTOS, José João dos. *Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas: Feira de São Cristóvão*. Capa: Erivaldo. Rio de Janeiro. [Folheto de cordel]

\_\_\_\_\_. *O que é literatura de cordel?* Capa: Erivaldo e Klevisson Viana- 1. ed. Fortaleza: Tupynanquim, 2012. [Folheto de cordel]

\_\_\_\_\_. *Peleja de Mestre Azulão com Bezerra do Ceará*. Capa: Erivaldo e Klevisson Viana. 1. ed. Fortaleza: Tupynanquim, 2012. [Folheto de cordel]